

Juan Carlos Kusnetzoff

Introdução à
Psicopatologia
Psicanalítica

11ª impressão



**BIBLIOTECA
DO IEPP**

anteriormente expostos conquista o controle esfinteriano e, por extensão, o controle da musculatura voluntária — a marcha e o deslocamento no espaço. Assim mesmo, e pelas possibilidades que se lhe oferecem de ofertar e se opor ao objeto materno, se alimentarão sentimentos de auto-estima e onipotência. Nessa época, os fins sexuais são predominantemente auto-eróticos, instrumentando-se os objetos com fantasias cuja finalidade será servir ao prazer concentrado em si mesmo.

Finalizando, e como resumo do estágio anal, diríamos que suas características são as seguintes:

1. A oposição atividade-passividade;
2. O aspecto *dual* no relacionamento de objeto, querendo significar que ainda não é *totalmente* triangular edípico.
3. A reafirmação e consolidação narcísica do sentimento de poder, que se encontra intimamente vinculado a fantasias de retenção-expulsão, e grande-pequeno, entre outras.
4. O movimento predominantemente centrípeto, ou seja, narcísico, dos fins sexuais. Sendo por definição, neste período, praticamente inexistente a diferenciação sexual, o vínculo é homossexual, qualquer que seja o sexo real do objeto.

O ESTÁGIO FÁLICO

Por volta do terceiro ano de vida, os estágios precedentes são abandonados, passando então a fazer parte da estrutura psicosssexual da criança. Sobrevém então o estágio fállico, onde os órgãos genitais serão alvo da concentração energética pulsional, enfileirando-se todas as outras pulsões anteriores e parciais sob seu comando. É importante destacar que ainda não se trata da genitalização definitiva ou verdadeira.

Ressalvamos também que nesta etapa fállica o conceito “sexo” é muito ambíguo, já que *não existe*, por parte da criança, uma conscientização da diferença sexual anatômica. Muito pelo contrário, o que conta, como o nome do estágio o indica, é o órgão anatômico masculino, que adquire o monopólio de ser o *único valor* de existência, tanto para o menino, que *realmente* o possui, quanto para a menina, que dele carece.

Estudaremos neste estágio três itens: o desenvolvimento psicosssexual, o aspecto narcísico e portanto pré-genital do estágio fállico, e a angústia de castração.

1. O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

O erotismo uretral

Esta subetapa do desenvolvimento foi descrita por Fenichel como um período intermediário entre o estágio anal e o fállico propriamente dito. De modo geral, são atribuídas à urina as mesmas características das fezes, ou seja, o prazer de urinar junto com o prazer da sua retenção. Embora inicialmente seja auto-erótico, progressivamente vai adquirindo prazeres mais “centrífugos”, com fantasias as mais diversas de urinar sobre ou em outras pessoas.

O prazer de urinar terá um duplo vértice.

(1) Em ambos os sexos, existe uma significação fállica e até sádica. O ato de micção será equivalente a uma penetração ativa com fantasias de destruição, domínio e controle.

(2) Ao mesmo tempo, as crianças sentem prazer em sentir passivamente o correr da urina por seus canais específicos.

Nos *meninos*, este caráter passivo da urina atravessando os condutos uretrais é geralmente associado ao prazer de acariciar as zonas genitais, em combinações diversas com qualquer tipo de fantasia.

Nas *meninas*, não há dúvida que a assim chamada “inveja do pênis”, que é um problema das fases finais do estágio fállico e início do Complexo de Édipo, tem seu antecedente no aspecto ativo e portanto fállico da micção. Fenichel afirma, e alguns dados clínicos o corroboram, que o prazer passivo proporcionado pela micção está deslocado nas mulheres para o correr das lágrimas quando estas fazem parte de quadros onde o pranto ocupa um lugar destacado. (Fenichel, O. *Teoria psicanalítica de las neurosis*. Ed. Paidós, 1966.)

Segundo Fenichel, o *orgulho* narcísico que o controle do esfíncter vesical proporciona está freqüentemente ligado ao sentimento de *vergonha*, devido às recriminações dos adultos, quando esse controle fracassa. É interessante destacar que, para esse

autor, a vergonha teria sua fixação nesta etapa, ao passo que a *ambição* seria um mecanismo de defesa reativo, característico da luta contra esse sentimento.

A masturbação infantil

Queremos deixar bem claro que, se estudamos agora a masturbação infantil, não é porque apareça nesta etapa. Como todo elemento incluído dentro de um processo histórico, a manipulação dos órgãos genitais tem seus antecedentes históricos em etapas mais anteriores do desenvolvimento.

É porém neste período fálico do desenvolvimento sexual que, ajudada pela contingência das preocupações sociais de limpeza, a excitação natural da micção ficará exacerbada.

Nessa época, os jogos manuais das crianças representam o que se costuma chamar de “masturbação primária”. Uma vez adquirida a disciplina do esfíncter vesical, este prazer, inicialmente ligado apenas à emissão da urina, procurará ser obtido de forma dissociada dela, ativa, e de maneira repetitiva. Isto é o que se chama de “masturbação secundária”, à qual geralmente todos se referem.

Esta historicidade da excitação ou da procura ativa da excitação de uma parte do corpo, e que afunda suas raízes desde o primeiro contato de um ser humano com outro ser humano, tem sua origem na estreita ligação de “peles” e “músculos” entre o bebê e sua Mãe.

Com efeito, e como já foi dito em páginas anteriores (ver p. 30 e segs.), o vínculo do neném com o mundo exterior não se reduz ao contato peito-boca e sua satisfação específica por intermédio do leite. Existe uma espécie de “fome” de contatos mútuos entre o ser adulto e a criança nesta primitiva etapa do desenvolvimento que, em sua grande parte, é satisfeita através do ato de mamar, troca de fraldas, banhos, passeios, etc. Pouco a pouco, as “marcas” da satisfação obtida nas diferentes partes do corpo e, em especial, na zona oral, são percorridas à maneira de reconhecimento em forma manual pelo neném.

Realmente, a exploração do próprio corpo é uma atividade substitutiva, que lembra o conjunto de satisfações obtidas — e aprendidas em contato com outro ser humano. Leigos e profissionais costumam chamar de masturbação ao conjunto de mani-

pulações efetuadas sobre o aparelho genital. Mas, quando as crianças chegam a este tipo de atividade, já percorreram muito caminho erótico, aprendendo que os líquidos que atravessam os orifícios orais, anais, genitais, etc., produzem satisfações diversas, caracterizadas pelo alívio de tensão decorrente de sua descarga. Por sua vez, esse alívio de tensão vem acompanhado de determinados efeitos no mundo exterior e às vezes as sensações são provocadas pela ação desse mundo exterior, como é o caso do bebê na fase oral.

Já desde as primeiras semanas da vida, o ser humano proporciona prazer a si mesmo, usando uma parte do próprio corpo para estimular outra parte, geralmente um orifício. Assim, o chupar do polegar será o protótipo de uma satisfação substitutiva que serve como modelo de exploração e reconhecimento do corpo.

Será preciso entender que, já desde essas primeiras semanas, o neném, ao se auto-satisfazer, exclui os outros seres humanos como proporcionantes ativos de prazer. Metaforicamente, diríamos que o neném dá sinais de “independência” e “autonomia”. Esta complicada gama de sentimentos de exclusão, que no início da vida passa quase despercebida, vai adquirindo maior relevância nos adultos familiares da criança à medida que nos aproximamos das etapas fálico-genitais. Acontece, então, uma dupla reminiscência. Por um lado, a criança, nos diferentes períodos de seu desenvolvimento psicosexual, ao se proporcionar prazer, exclui os adultos que, assim, *revivem primitivos sentimentos de exclusão de raízes edípicas*. Por outro lado, ao contemplar a ação auto-erótica das crianças, os adultos “lembram” sua própria atividade masturbatória recalcada.

Desta dupla ação que se potencializa mutuamente, origina-se a repressão da masturbação por parte dos adultos contra as crianças. Numa verdadeira repetição de fatos similares, acontecidos em sua própria infância, é que os adultos repetem — punindo, proibindo — ativamente o que sofreram passivamente.

A *amnésia infantil*, ou seja, todos os fatos não lembrados pelo sujeito, em particular os anteriores à idade de 6/7 anos, refere-se, direta ou indiretamente, às *fantasias masturbatórias*. Estas compreendem cenas edípicas, misturas de personagens, desejos e proibições relativos aos pais. De modo mais preciso, re-

lativas a fragmentos de histórias com os pais, a fragmentos do corpo, fragmentos de sensações, etc.

A violência que durante séculos os adultos têm exercido contra qualquer tipo de prática masturbatória assenta, pelo acima dito, raízes em épocas pré-edípicas.

A) A CURIOSIDADE SEXUAL INFANTIL

Estudaremos, sob este título, três itens:

- (a) A descoberta da diferença sexual anatômica;
- (b) A cena primária ou primitiva; e
- (c) A escopofilia, ou instinto epistemofílico.

A descoberta da diferença sexual anatômica

Embora a curiosidade sexual infantil tenha sua historicidade, como outros elementos do aparelho psíquico — e portanto não “apareça” até certa idade —, aceita-se convencionalmente que haja, desde cedo, forte interesse voltado para as características sexuais exteriores, tanto em meninos quanto em meninas. Mas o que de fato acontece é que, ainda no estágio fálico do desenvolvimento, a “descoberta” não é propriamente uma descoberta. Na realidade a *diferença* não é percebida, e sim negada, e em consequência, tanto meninos quanto meninas acreditam “ver” o pênis mesmo onde ele não existe.

Será preciso que o leitor encare este problema como um modelo de qualquer tipo de aproximação ao que é novo, ao que é desconhecido. Toda “descoberta” começa por ser um re-conhecimento, ou seja, projetar-se-á o que já é velho conhecido sobre o que é novo (e, portanto, angustiante). Daí que, tanto meninos quanto meninas, apagam a existência da *diferença* sexual, porque isso em última instância acarretaria — como de fato acontece posteriormente — a perda do narcisismo, a ilusão de que somos todos iguais.

Este período do desenvolvimento, no que se refere à significação que adquire a descoberta da desigualdade da constituição humana, ficará gravado no psiquismo do sujeito como um fato muitíssimo importante e, sobretudo, estruturalmente, que contribuirá para constituí-lo definitivamente como sujeito no

mundo de vinculações objetais. Até esse momento a criança não se colocava problemas que atingissem sua própria constituição, sua procedência e a igualdade ou as diferenças entre ela e os outros, etc. De agora em diante, e por efeito desta curiosidade, tanto meninos quanto meninas começarão a ser pequenos filósofos, que se perguntarão e farão perguntas inquisidoras aos adultos sobre as mais diversas matérias. Uma atenta observação poderá demonstrar que todas as perguntas se referirão, direta ou indiretamente, à origem das diferenças (grande/pequeno, macho/fêmea, alto/baixo, rico/pobre, etc.) e às subseqüentes angústias provocadas pela constatação progressiva dessas diferenças.

Nesta mesma ordem de curiosidade, o menino e a menina, através de suas investigações corporais diretas, e pela *visão* do próprio corpo ou do corpo alheio, ou ainda do corpo de animais, estátuas, desenhos, figuras, etc., vão progredindo e tomando consciência da realidade tal qual é, anatomicamente falando. Mas tomar consciência desta realidade implicará se perguntar pela função que é atribuída a esta diferença. Ou seja, perguntando, o menino saberá que sua própria origem procede dessa diferença. Simultaneamente, ele tomará conhecimento do sentido da união sexual de seus pais e ficará curioso para saber e conhecer o lugar de sua “ex-residência”: o útero materno. Como consequência, e como contraste, ele tentará saber e conhecer qual foi e qual é a função do pênis nesta união — concepção e nascimento.

Nos parágrafos que acabamos de descrever, o leitor teve somente um pálido reflexo do drama estruturante que é para o presente-futuro da personalidade do indivíduo, e ao qual se submete por efeito da penetração ativa no mundo.

As respostas, assim como as fantasias que as acompanham, darão à criança a noção vivencial de sua *posição* no mundo. Esta posição, em primeiro lugar, implica a existência de diferenças neste mundo — nem tudo é igual a tudo! — principalmente, nem tudo é igual a ela. Conhecendo essa desigualdade, o próximo passo será saber qual é o lugar ocupado por ela, dentro de toda essa estrutura. Ela saberá, por comparação, se é *menino* ou *menina* e, em segundo lugar, que é *criança ainda* e que pode muitas coisas mas *não pode* muitas outras.

Do que foi dito, pode-se concluir pela estreita vinculação existente entre *descobrir* a diferença sexual anatômica, com tudo o que isto implica, e a queda da onipotência narcísica da infância, queda esta que se relaciona com esse *NÃO* estruturante que impede à criança a consumação dos desejos naturais que conhecemos com o nome de desejos edípicos. Com efeito, até esse momento, e de modo geral, metaforicamente falando, os pais satisfizeram plenamente os desejos da criança. Este seria o *SIM*, base fundamental sustentadora da vida. Mas é por essa época, a partir do estágio fálico, que os pais passam a negar-lhe a possibilidade de satisfação de desejos recentemente descobertos. Desde o momento em que a criança descobre o sentido e a funcionalidade da diferença sexual anatômica, ela passa a desejar também ter filhos. Evidentemente, este desejo é mera ilusão e está fadado ao fracasso. Daí que, para a criança, a “descoberta” da diferença começa com sua negação e culminará com toda a estruturação das funções do Complexo de Édipo.

A cena primária ou primitiva

Este conceito, na realidade, é uma fantasia que a criança elabora: a de ter sido testemunha do relacionamento sexual dos pais. Salientamos que, embora o fato possa haver certamente ocorrido, não é relevante para a constituição do mundo fantasmático do sujeito. O que é realmente relevante é que, tendo essa fantasia, o sujeito *se responde* à pergunta sobre qual é sua origem como sujeito. Veja-se, então, a íntima vinculação existente entre *fantasia* da origem e *teoria* da origem.

É preciso dizer que a cena primária não é a única fantasia sobre as origens elaborada pelo sujeito. Ele elabora fantasias de sedução e fantasias de castração. Em relação ao drama da descoberta sexual anatômica, o sujeito pode se colocar três questionamentos básicos. Um deles é: “de onde venho?”. Este questionamento é respondido pela fantasia da Cena Primária. Um outro será: “de onde vem esta sensação que me impulsiona até os outros, ou até o outro sexo?”. Esta questão é respondida pela fantasia de sedução. A criança faz a fantasia de que alguém adulto a violentou ou quis violentá-la. Obviamente, o conteúdo desta fantasia diz respeito à sexualidade humana, aos instintos, à energia vital, que foram despertados pelo contato com

outro ser humano. É interessante consignar a qualidade de violência desta fantasia; a razão que a fundamenta é o fato de o sujeito dar uma resposta mais ou menos coerente para as prementes impulsões características da instintividade humana, que ele não pode controlar e que portanto o atormentam continuamente. Quer dizer, o sujeito é passivo ou assiste passivamente ao “espetáculo” das forças que tem origem numa outra cena. Esta alteridade se encontra na própria estrutura do sujeito. A biologia é um *outro* misterioso que nos impulsiona e nos determina, assim como uma Outra Pessoa nos fornece alimentos, sustentação, elementos de prazer, linguagem, etc.

Compreende-se agora, e por efeito dessa alteridade constituinte, a produção de três mecanismos prototípicos, incluídos na fantasia da Cena Primária, que são:

— a *identificação* com um ou com os dois membros intervinientes na fantasia; mas o característico é a adoção do papel passivo nesta identificação;

— a *projeção* de sentimentos muito primitivos de raiva, cólera, e desespero, dentro da fantasia mesma, o que faz com que ela seja sentida como sádica, e que nos relatos tanto de crianças como de adultos seja veiculada através de gritos, gemidos, numa mistura variável de eroticidade e de agressividade contra o sujeito;

— o *sentimento de exclusão* ou abandono, por se vivenciar a posição de terceiro excluído de um vínculo (que, como já foi dito, representa a própria origem do sujeito).

A escopofilia ou voyeurismo

Esta pulsão tem sido sempre estudada como parcial, ou seja, como fazendo parte da *curiosidade* sexual infantil. Traduz-se no desejo da criança de *penetrar dentro*. Esta expressão pode parecer uma redundância, mas é formulada sob o ponto de vista do sujeito que experimenta esse desejo: ele ainda não sabe que essa penetração é *fora dele*, já que *penetrar dentro* do relacionamento íntimo dos pais (Cena Primária) é apenas um desejo e essa fantasia reforça no sujeito o conhecimento das origens da sua alteridade.

Esta pulsão parcial, posteriormente sublimada, será decisiva para o que se chama de conduta epistemofílica, que o sujeito adulto terá para poder conhecer, estudar, investigar, ou, simplesmente, ter curiosidade de modo geral.

B) AS TEORIAS SEXUAIS INFANTIS

Desde Freud, na realidade, fazemos uma equivalência absoluta entre teoria sexual e fantasia. Uma teoria sexual infantil é uma resposta, ou um conjunto articulado de hipóteses dado a si mesma pela criança para diversas perguntas. Essas perguntas ou hipóteses estão vinculadas ao corpo, como lugar-fonte das pulsões, ao corpo como articulador-contato com outros corpos, e novamente ao corpo como sede de outros corpos (gravidez).

Teorias infantis sobre a fecundação

Cada fase psicosexual deixa sua marca expressa num conjunto de fantasias onde a sua "matéria-prima" pode ser mais ou menos reconhecível. Assim, por exemplo, temos:

— Teorias da Fecundação Oral: crenças de que, por ingestão de um alimento fantástico, ou por contato com outra boca (beijo), se produziria a gravidez humana;

— Teorias da Fecundação Ano-Uretral; crenças de que os atos de urinar ou de defecar em contato com outra pessoa, ou mesmo simultaneamente, seriam os responsáveis pela gravidez;

— Teorias Visuais da Fecundação: crenças de que a exibição simultânea ou sucessiva dos órgãos genitais resultariam em gravidez.

Temos ainda as teorias de troca simbólica entre pênis e nenéns, que apenas registramos neste item, mas que por sua importância serão desenvolvidas mais adiante. (Ver p. 62-3.)

Como deduzirá o leitor, o denominador comum de todas estas teorias é que elas são simétricas e idênticas quanto à anatomia e à fisiologia da cópula, ou seja, não há nenhum indício de distinção entre um sexo e outro. São fantasias especulares, narcísicas: o "outro", como tal, ainda não foi descoberto.

O parto anal

Talvez seja a fantasia que, como teoria sexual infantil, mais se popularizou dentro da teoria psicanalítica. Tem suas origens na sensação e visão cotidianas do ato defecatório, como um produto que "nasce" do corpo do sujeito, em lugar próximo ao aparelho genital. Esta teoria pode evoluir para outros tipos de conteúdos:

nascimento pelo umbigo, por extração violenta ou forçada, etc. Reconhece-se nestas fantasias a marca histórica da analidade. Com os mesmos conteúdos, esta teoria é referida às vezes como "teoria cloacal".

A idéia do coito sádico

Já nos referimos a este tipo de fantasia ao falar da fantasia de Cena Primária. Mas devemos sublinhar que esta é uma teoria sexual infantil e, como tal, uma fantasia, produto sobretudo de fenômenos projetivos. A maior parte dessas fantasias compõe o edifício imaginário de todo sujeito, formando verdadeiros embasamentos que darão lugar, após sucessivas transformações, às fantasias componentes do Complexo de Édipo. Mas o leitor não deverá perder de vista o fato de que essas fantasias pré-genitais não são apagadas nem desaparecem: encontram-se integradas, dialeticamente, em todo sujeito normal, ainda quando esse sujeito tenha adquirido um nível de desenvolvimento genital amadurecido. Como determinante de patologias diversas, encontramos estas fantasias nos quadros histéricos ou obsessivos, assim como nas patologias em que o corpo cumpre papel relevante: doenças psicossomáticas, somatização, histeria de conversão, etc.

2. O ASPECTO NARCÍSICO E PRÉ-GENITAL DO ESTÁGIO FÁLICO

É preciso esclarecer, antes de tudo, que nesta etapa do desenvolvimento não serão atribuídas ao pênis as suas características principais de órgão reprodutor. Muito brevemente, e de forma resumida, poderíamos dizer que o pênis é vivenciado, percebido, e até instrumentalizado como o órgão que oferece potência e como o lugar do corpo que, estimulado, fornece maior gratificação. Isto quer dizer que o pênis não é o pênis (genital), mas um *Falo*, nome que dá título a este estágio.

Há uma certa confusão entre o que se denomina pênis e o que se denomina falo, já que Freud, em alguns de seus artigos, os empregava indistintamente. Com uma visão teórica mais moderna, pode-se distinguir:

Pênis — é o órgão masculino por excelência, possuindo uma realidade anatômica e sensível;

Falo — ao contrário, tem uma realidade não sensível, abstrata; *é um símbolo* que é, às vezes, erroneamente confundido com o pênis.

Para explicar melhor, digamos que o falo é um símbolo da mesma maneira que uma bandeira é um resumo de *idéias* tais como pátria, soberania, identidade nacional, etc. Falo é, então, uma fantasia que condensa a posse de uma unidade e de uma potência do ser. Dentro deste contexto, se entenderá então que a posse real e concreta de um pênis dá ao sujeito a ilusão-fetichista de possuir o falo.

A) A ILUSÃO NARCÍSICA

Pelo exposto acima, o leitor deduzirá que, ainda neste estágio, o sujeito não chega a adquirir um conhecimento global, total, do objeto. Se entendemos por objeto o conhecimento real e o mais objetivo possível de que existem *outros* (outras pessoas) independentemente de nós mesmos, compreendemos facilmente que este estágio fálico é praticamente o último baluarte do narcisismo. Esta frase deve ser encarada como uma metáfora, já que o sujeito *nunca* observa a realidade “objetiva” tal qual ela é, e sim — embora fragmentariamente — como uma extensão narcísica de si mesmo. Aproveitamos para dizer que, por sua vez, os objetos olham para o sujeito também desde sua subjetividade narcísica, e portanto o sujeito nunca será olhado na sua realidade objetiva, mas a partir desta subjetividade, embora fragmentária. Concluindo, o vínculo inter-humano será um vínculo inter-subjetivo. Ainda nesta etapa fálica, a criança será capaz de diferenciar corretamente ambos os sexos, mas só por comparação exterior e por fatos tingidos de fantasias, o que lhe cria armadilhas perceptuais diversas. A criança percebe que possui ou não possui um pênis, não apenas para diferenciar duas categorias de pessoas: homem-mulher. Nesse estágio, ela está interessada na *presença* ou *ausência* de um único elemento: o pênis. De agora em diante, ambos os pais, e por extensão todos os adultos, serão “classificados” em função de sua potência ou fraqueza, decorrente dessa posse ou dessa falta.

B) A DESCOBERTA E SUA NEGATIVA

Admite-se que este período fálico seja o período da descoberta da diferença sexual anatômica. Mas, para sermos precisos, deveremos dizer que este é o período da *negação desta diferença*, fazendo esta negação parte do conjunto de fantasias capazes de criar as armadilhas perceptuais acima referidas. Essas negações, de enorme valor tanto do ponto de vista teórico como psicopatológico, são as seguintes:

— *No menino*, há a recusa em aceitar a castração e, portanto, a negação do sexo feminino. Ou seja, a impossibilidade de conceber a falta e a instauração do privilégio do pênis trará consigo, como consequência, o desconhecimento dessas “pessoas sem pênis”: o sexo feminino.

O menino “não poderá” aceitar o sexo oposto porque aceitá-lo implicará o fato de que também ele poderia perder o pênis. Ele ainda não compreende que homem e mulher são duas categorias essenciais que independem da posse ou da falta de um órgão. E como, segundo foi dito anteriormente, a realidade será observada e interpretada sob o ponto de vista da subjetividade narcísica do sujeito, *para o menino* é inconcebível, nesse estágio, que existam pessoas não possuidoras do que ele possui.

— *Na menina* existe igualmente uma recusa em aceitar a castração. Com efeito, a menina faz a fantasia de que ela *também* possui um pênis, só que “não está totalmente desenvolvido”, apoiando esta afirmação na existência do clitóris. Como se observará, tanto meninos quanto meninas compartilham a fantasia de que *só um sexo existe*. Isto inevitavelmente leva ambos os sexos a recusarem o conhecimento mútuo.

Indiquemos por último que a aquisição do verdadeiro conhecimento dos sexos masculino e feminino não pode existir isoladamente para cada sexo e só será completo mais adiante, com a resolução do Complexo de Édipo e em etapas posteriores da adolescência.

3. ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO

Admite-se esta expressão como a designação de um conjunto complexo de reações afetivas que decorrem da observação e consta-

tação da ausência do pênis. No menino, esta constatação desperta a *fantasia* do temor da perda de seu pênis, e nas meninas o desejo de adquiri-lo.

Desejo ressaltar intensamente o que foi dito acima, já que a angústia de castração — embora os termos possam confundir — é uma série de fatos que ocorrem normalmente na evolução do sujeito, sobretudo quando ele descobre a *diferença* essencial constitutiva do ser humano. Além disso, repare-se que esta angústia motiva dois tipos diversos de comportamento: o menino reagirá à maneira de um fóbico e a menina à maneira de um melancólico. Quer dizer: o menino, ou melhor, a essência da masculinidade, — forçando os termos — organizará sua personalidade em torno de um forte medo de perder algo valioso para ele. A menina, após a constatação da ausência real e concreta de um pênis, depois da comparação por observação do sexo oposto, organizará a sua personalidade em torno de um forte anseio de suprir, preencher essa falta. Nos dois sexos, a angústia de castração está intimamente vinculada a uma angústia muito mais global, que é a angústia de morte, frente à qual se desenvolvem variadas defesas, como, por exemplo, ter uma criança. Esse desejo de se ver prolongado, duplicado e transcendido num filho, fantasia comum a ambos os sexos, levará consigo a “garantia” de se preservar contra a morte.

A angústia de castração é universal e portanto nenhuma criança escapa a ela. Como se advertiu, a angústia consiste numa *falsa representação da realidade*. (Deveremos ressaltar que esta fantasia de mutilação peniana não é exatamente igual ao que se conhece popularmente como castração, já que esta última consiste na extração, por meios violentos, não do pênis, e sim das gônadas.)

Um outro aspecto importante para completarmos nossa exposição: embora os adultos intervenham, direta ou indiretamente, proibindo, punindo ou limitando algumas atividades presentes e passadas dos meninos, a angústia de castração independe relativamente dessa contribuição exterior. Essas intervenções limitativas exteriores contribuem sensibilizando, mas, de modo nenhum criam a angústia de castração que, como foi dito, é um fato normal, efeito do amadurecimento psicológico do indivíduo. Deduz-se daí que a primeira grande defesa implementada pela criança, e depois

também pelo adulto, é a atribuição da responsabilidade dos fatos (projeção) a esses fragmentos de realidade exterior que certamente fazem parte da história do indivíduo. (Ver p. 211.)

A) A ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO NO MENINO

Depois que o menino conhece e sabe que é possuidor de um pênis e que existe um outro sexo caracterizado por essa falta, haverá uma superestimação, um superinvestimento dessa posse. Em primeiro lugar, como veículo instrumentador das fantasias masturbatórias. Em segundo lugar, e mais importante, esse superinvestimento do pênis outorga-lhe uma supervalorização narcísica, que tende a ser assimilada pelo resto da personalidade. Este narcisismo extremo servirá como couraça protetora frente aos danos fantasiados que seu pênis poderia vir a sofrer.

Descreveremos três passos na angústia de castração do menino:

1.º) Inicialmente, o menino tenta rejeitar a realidade e portanto negar a diferença. Como se trata da rejeição de um elemento *externo* ao aparelho psíquico, esse mecanismo será mais corretamente chamado de renegação, repúdio, recusa, desmentido (*Verwerfung*). Aceita-se que em torno desse mecanismo se originam as perversões e as psicoses. (Ver p. 188-190-202 e segs.)

2.º) Logo após esta rejeição da realidade, o menino tenta se reafirmar, atribuindo a ausência do pênis no outro sexo a uma *mutilação* sofrida no passado por parte da menina. Ele ainda não teve acesso à realidade tal qual ela é, ou seja, a de que a ausência do pênis na menina é uma condição originária e essencial dela. Toda a fantasia de mutilação é atribuída pelo menino a uma punição infligida pelos pais para castigar desejos de prazeres similares aos que ele mesmo sente como proibidos.

3.º) O terceiro passo caracteriza-se pela recusa em estender a *todas as mulheres* esta carência essencial. Para ele, só aquelas mulheres que tiveram a fantasia de obter prazer pela masturbação são as que sofreram esse “castigo”. Essa recusa em estender a todas as mulheres a propriedade fundamental da carência do pênis se constata na fantasia, válida para o menino e para a menina, de uma mãe com pênis, conhecida com o nome de “mãe fálica”.

Esta fantasia, que goza da propriedade de ser idealizada e persecutória, permite à criança pensar que ela não sofrerá as penúrias da castração. Observe-se que a fantasia de uma mãe com pênis é uma fantasia de conservação de um pênis imaginário, que, por sua vez, simboliza a potência adulta.

Recentemente, nesta última década, os psicanalistas revalorizaram esta fantasia, que fala da existência, no nível imaginário, de um personagem todo-poderoso que se instala antes da distinção completa da diferença sexual anatômica.

B) A ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO NA MENINA

Na teoria clássica freudiana, o desenvolvimento psicosssexual da menina é praticamente idêntico ao do menino. Segundo essa teoria, a vagina é ignorada e a atividade sexual é clitoridiana. A passagem do clitóris para a vagina só se dá numa época posterior: a puberdade e a adolescência.

A menina descobre a ausência do pênis logo após um breve período de rejeição dessa realidade, porém se vê forçada a inteirar-se dela rapidamente.

Talvez o mais importante a destacar no que se refere à castração seja que, na menina, essa constatação, que proporciona o acesso ao real, e a grande frustração que sobrevém logo após, acontece *antes* do Complexo de Édipo. Mais precisamente, a castração é justamente a *comprovação que permite entrar* no Édipo. Ou seja, a evidência da castração lhe permite agora voltar-se para o pai como objeto de amor, passando a ser a vagina a sede corporal de seu investimento libidinoso, enquanto que para o menino a castração, ou melhor, o temor da castração, funciona sempre como limite restritivo aos desejos incestuosos desta fase, contribuindo, portanto, para fechar, para pôr um fim ao Complexo de Édipo. Sempre dentro da teoria clássica, a castração levará a uma ferida narcísica, que provocará na menina um sentimento de inferioridade no plano corporal e genital. Estes fatores psicológicos encontram um reforço muito forte em fatores de ordem sócio-cultural, cuja investigação está hoje em andamento.

Também na menina observam-se três passos perante a castração:

1.º) O tema da reivindicação fálica. Também conhecido com o nome de Inveja do Pênis, este conceito é equivalente ao da renegação da diferença por parte do menino. (Ver p. 61.) A menina fantasiará que possuía um pênis e que alguém o tirou. Toda essa fantasia reforçará a idéia de reconquistá-lo.

2.º) O agente dessa perda imaginária (que curiosamente é duas vezes imaginária, pois imagina-se ter perdido um pênis que nunca se teve) será a mãe. A menina responsabilizará sua mãe por tal fato, e isso precipitará a vinculação com seu pai. Note-se que a menina, para entrar no Complexo de Édipo direto, deverá atacar e denegrir sua mãe, ou seja, vê-se obrigada a realizar uma mudança de objeto. Por tudo isto, a entrada da menina na estrutura de Édipo e, por conseguinte, o acesso à genitalidade adulta, tem muito de reacional e defensivo, posto que “cai nos braços do pai para fugir à ameaça materna”.

3.º) Por último, e num estágio mais avançado, o tema da reivindicação se transforma. Já ligada com seu objeto-pai, a menina substituirá o desejo de ter um pênis pelo desejo de ter uma criança. Para poder entender a estrutura dessa substituição, o leitor deverá lembrar a assimilação inconsciente de diversos elementos que vão se substituindo ao longo da evolução psicosssexual: útero, seio, fezes, pênis, valor, dinheiro, neném. (Ver p. 56.)

ESTÁGIOS GENITAIS

1. O COMPLEXO DE ÉDIPPO

O Complexo de Édipo, nome atribuído por Freud em analogia ao antigo mito relatado na obra de Sófocles, é uma *estrutura*, uma *organização central e alicerçadora* da personalidade humana. Este conceito é central num sentido duplo: por um lado, como o módulo nuclear estruturante do psiquismo; por outro, e no que se refere à prática de psicanálise, como a referência conceitual primeira que outorga identidade a qualquer psicanalista, seja de que escola for.

A esta altura do conhecimento científico, devemos dizer que até poderíamos prescindir do nome — Édipo — dado por Freud a esta estrutura. Com efeito, a tragédia sofocliana serviu-lhe como um modelo instrumental e explicativo do conflito básico do ser humano. O importante a reter será que, desde que todo ser humano deve sua origem a dois seres chamados Pai e Mãe, não haverá nada passível de escapar a esta triangulação que constitui o ângulo essencial do conflito humano.

Entender-se-á assim que este conflito envolve três *personagens*. Dizemos personagens porque, embora este conflito se apresente com pessoas concretas, estas vão adquirindo, em diferentes momentos e situações, papéis diversos. Assim, por exemplo, uma mulher, mãe biológica de seu filho, poderá em dado momento assumir para este o papel funcional de uma outra pessoa, no caso o pai. Por sua vez, e para essa mesma mãe, a presença do filho poderá reatualizar nela velhos conflitos edípicos, vivenciando então este filho *como se* fosse seu pai ou um aspecto de sua mãe.

Toda esta conflitiva problemática edipiana eclode entre os 3 e os 5 anos de idade. Essa eclosão consiste em manifestações afetivas, objetivas, mas, como pode ser facilmente compreendido, os alicerces da estruturação edipiana estão presentes desde o nascimento.

Esta última frase faz sentido se o leitor lembrar que a origem de tal problemática é a complexa relação existente, desde fases muito precoces, entre a criança e seus pais. Estes, obviamente, encontram-se desde o início na vida do menino. As vicissitudes pelas quais o aparelho psíquico em formação vai passando são marcadas pelos diferentes modos como os pais vão aparecendo, e dão como resultado final a eclosão a que nos referimos.

A) FORMAS DO COMPLEXO

Freud descreveu duas formas aparentemente simples pelas quais se apresenta a estrutura edípica. Tais formas levam em conta aspectos positivos que na terminologia freudiana são representados pela libido e que o uso corrente consagrou com o nome de vínculo de amor. Existem também aspectos negativos, que se conhecem com o nome de aspectos agressivos ou de ódio. É preciso sublinhar que os termos positivo ou negativo não pre-

tendem conceituar conteúdos de valor, mas simplesmente polaridades de localização dentro da estrutura.

Assim, por exemplo, no menino, Freud descreveu o Complexo em sua forma positiva da seguinte maneira:

a) O aspecto positivo ou libidinal dirigido para a Mãe — este seria o amor à mãe;

b) *Simultaneamente*, o aspecto negativo ou agressivo: o ódio ao pai. Porém, o Complexo de Édipo pode adquirir uma forma global negativa ou invertida (no sentido da imagem fotográfica) descrita da seguinte forma:

a) O aspecto positivo, libidinal, é uma atitude amorosa do menino em relação a seu Pai. Esta atitude é uma posição feminina do menino em relação ao elemento masculino-Pai.

b) Simultaneamente, há o aspecto negativo ou agressivo do menino, dirigido à sua Mãe.

Compreende-se facilmente que a combinatória múltipla destas possíveis posições é o que fará variar a forma de apresentação e a localização dos personagens. Na clínica, o mais freqüente é que se apresentem casos de mistura dos Complexos de Édipo positivos e negativos. É o que se denomina forma completa ou total do Complexo de Édipo.

B) ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS EM RELAÇÃO AO ÉDIPO

O Complexo de Édipo é *um drama* dentro de *uma estrutura* básica. É um drama porque o sujeito expressa suas vivências em forma de fantasias que, analogicamente, se assemelham a uma peça teatral.

E o Complexo de Édipo é uma estrutura porque nesse drama fantasiado há uma organização de personagens interligados entre si. Nessa organização há elementos ou peças fundamentais e sempre presentes: Mãe, Pai e Sujeito. Continuando com a analogia, estas peças são os personagens básicos do argumento. No entanto, os atores que viverão esses papéis, assim como as vestimentas, a decoração, a ambientação e o clima, serão diferentes em cada momento vivenciado pelo sujeito.

Não há nada fora do Complexo de Édipo. Durante a vida inteira a pessoa continua vivendo essa peça teatral, assumindo diferentes papéis de um argumento que reflete sua história passada com

os personagens do passado e com os diferentes desfechos a que levaram as combinatórias em seu interacionar quase infinito.*

A vulgarização da palavra complexo conduz facilmente a um pensar errôneo. Acredita-se habitualmente que o Complexo de Édipo é algo que se supera e a que não se volta mais. A esta altura da explicação, o leitor entenderá que esta é uma visão ingênua, mecanicista e filosoficamente idealista. Seria o mesmo que o sujeito amputasse uma parte de seu corpo (sendo que, obviamente, esta parte antigamente era menor e estava ligada a outras funções adequadas, na época, à idade cronológica), e pretendesse negar as conseqüências disto. Será possível separar a história da mão da própria mão? O mesmo acontece com o Complexo de Édipo. Estudá-lo é estudar a história individual, pessoal e intransferível desse sujeito. Porém veremos também que, já que todo homem nasce de um pai e de uma mãe, o Complexo de Édipo adquire características universais. E é por esta razão que interessa o seu estudo nos níveis antropológico e sociológico.

Há uma antropologia psicanalítica que, aproveitando-se das estruturas teóricas freudianas, procura semelhanças em diferentes culturas. O Complexo de Édipo se institui assim como o resultado da cultura veiculada pelos pais e atuando sobre o aparelho psíquico da criança. A ação efetiva desta cultura nas diferentes sociedades estudadas é transmitida através de uma troca de símbolos, de complexidade variável, e que se constitui numa linguagem. É dentro desse contexto simbólico que se transmite uma lei fundamental nas relações sociais: a proibição do incesto.

Segundo os estudos e as formulações hoje já clássicas de Claude Lévi-Strauss, o pai da antropologia moderna, expressas em sua maior parte no texto *As Estruturas Elementares do Parentesco* (Ed. Mouton, Paris, 2.^a ed., 1967), a proibição do incesto é a condição mínima e universal para que a "Cultura" se distinga e se diferencie da "Natureza". Segundo Lévi-Strauss, a Natureza é o reino da espontaneidade, do universal, e a Cultura se delinea com precisão como o reino da regulação e da relatividade.

* "Em outras palavras... o Édipo é simplesmente uma história, a história de nosso primeiro amor, nosso amor infantil, ou então é o intemporal que faz da própria vida uma história que se repete, a ponto de que esta vida corre o risco de nunca nascer?" (Safouan, M. *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Zahar, Rio, 1977, p. 67.)

Dentro da ordem da cultura, o sujeito está *sujeito* (daí o nome) a normas, leis, que regulamentam, restringem e orientam sua vida social. S. Leclaire tenta mostrar como o incesto é o que funda tudo o que pertence à ordem da proibição (Leclaire, S. — *Para uma Teoria del Complejo de Edipo*, Ed. Nueva Visión, Buenos Aires, 1978, p. 57).

Incesto será, para esse autor, o gozo sexual com a mãe, tanto para o menino quanto para a menina. É preciso entender que não se trata do prazer genital-sexual entendido como figura penal da legislação corrente. Este ato, observado assim, clinicamente, será um sintoma grave da ordem das psicopatias ou psicoses. É o incesto que se realiza concretamente, na idade adulta.

O incesto ao qual Leclaire se refere é superposto ao período pré-ediapiano, entre o nascimento e os quatro ou cinco anos de idade. A esta altura do desenvolvimento, existe impossibilidade até biológica de consumir o ato sexual-genital do tipo adulto. Mas, sob o ponto de vista psicanalítico, a íntima relação erótica com a mãe proporciona um gozo, um prazer de tal ordem que é equivalente ao incesto adulto. O problema é um complexo. Com efeito, a uma íntima relação "incestuosa" com a mãe corresponde, invariavelmente, uma certa ausência ou queda da figura funcional do pai.

A conceituação leclairiana conduz a problemas interessantes. Em primeiro lugar, a erotização infantil seria equivalente à capacidade de sexualização do corpo da mãe (enquanto sexualidade inacabada, infantil). Esse corpo erotizado encontra-se atravessado por fragmentos, parcialidades (orais, anais, fáticas, etc.).

O corpo materno erotizado relaciona-se, também, com o problema dos objetos parciais, que serão vistos como objetos ainda narcísicos. Assim, a função materna será uma função dupla: biológica e erógena (psicologizante).

Teorizando desta maneira, Leclaire chega à conclusão de que o incesto é o modelo mesmo do gozo. De gozar com a própria mãe e, portanto, proibido. Então, o gozo será a transgressão, a abolição do limite máximo que é o corpo da própria mãe.

As conseqüências clínicas são interessantes. Por exemplo: um paciente tem uma experiência incestuosa (sua intensa ligação pré-ediápica com sua mãe). Está fixado ali. Este paciente tem problemas vinculados ao prazer e ao limite, na medida em que isto lhe

permite organizar o que é proibido e o que não o é. Alguns destes pacientes vivem, em sua vida de adultos, bloqueados, tentando levantar muros, limites, para reconstruir “alguma coisa” que garanta a inacessibilidade ao gozo, ou seja, à experiência incestuosa com a mãe. A oscilação neurótica fará com que tentem transgredir também este limite.

Eis aqui o paradoxo que provoca espanto: uma regulamentação restritiva dos vínculos sociais e que, entretanto, tem características universais. É dessa forma que Lévi-Strauss se articula com Freud: a proibição do incesto “é a única regra social que possui simultaneamente um caráter cultural e de universalidade”.

Vale a pena dar uma olhada sintética nas hipóteses pré-lévi-straussianas que resultaram em explicações insuficientes para o problema da proibição do incesto:

Hipótese natural (Westermarck,* Havelock Ellis)

A proibição incestuosa seria causada por um horror instintivo, por uma percepção da “voz do sangue” responsável por uma repugnância psicológica. Lévi-Strauss contesta com suas pesquisas etnográficas esta explicação, revelando não só que não existe essa repugnância, como também mostrando a existência de uma *atração universal* pelo incesto. Porém, tais estudos etnográficos demonstram variabilidade sobre onde recai a proibição. Em algumas culturas, os eixos de proibição recaem sobre primos nascidos de irmãos do mesmo sexo, em outras sobre primos filhos de irmãos de sexos diferentes, etc.

Hipótese dualista (L. H. Morgan,** H. Maine)

A proibição incestuosa seria o efeito de uma reflexão social sobre um fenômeno natural. As motivações desta “ação pensante” social seriam o impedimento das desastrosas conseqüências da consangüinidade matrimonial. A contestação lévi-straussiana é contundente: os estudos de etnografia e genética demonstram que os povos que praticam a endogamia por tradição não possuem

* Westermarck, E. A. *The history of human marriage*. MacMillan. London (1920).

** Morgan, L. H. “Systems of consanguinity and affinity of the human family” (1871).

efeitos aberrantes na proporção em que se poderia supor. Além do mais, estes povos ignoram obviamente toda ciência genética.

Hipótese social (Durkheim,* Lennan, Averbury)

A proibição é uma regra social e a expressão biológica é um atributo acidental e secundário. Segundo Durkheim, a regra proibitiva é derivada da exogamia. Lévi-Strauss contesta: como uma regra universal poderia se originar de um costume não-universal? Já segundo Lennan e Averbury, a proibição seria o resultado da prática matrimonial através do “rpto” de estrangeiras. Lévi-Strauss faz objeção a esta tese dizendo que, neste caso, trata-se de uma modalidade institucional, ineficaz para explicar as “causas profundas e onipresentes”.

Estas explicações vão desde o natural até o cultural, misturando, como na segunda hipótese, as duas polaridades. É o que acontece quando Lévi-Strauss emite sua hipótese em íntimo contato com as teses freudianas. A proibição do incesto é por sua vez *natural* e *cultural*.** O antropólogo francês se filia à concepção de um conhecimento e uma matéria-prima produzidos pela profunda interação entre os homens e a natureza. A ordem da cultura será o grande filho que nascerá desta concepção parida através dos tempos. Textualmente: “A proibição não tem origem puramente cultural nem puramente natural; também não é uma combinação de elementos tomados em parte da natureza e em parte da cultura. Constitui-se num movimento fundamental graças ao qual, pelo qual, mas sobretudo no qual se cumpre a passagem da natureza à cultura” . . . “Não é um fenômeno de dois tempos; é o surgimento, o advento de uma nova ordem” (Lévi-Strauss, *op. cit.*, p. 30, 31). Como pode ser visto, a proibição do incesto é o conceito explicativo do surgimento, nada mais e nada menos, que da cultura.

Não desejamos entrar no âmago da obra lévi-straussiana, para o que remetemos à bibliografia correspondente. Porém, é preciso assinalar que, desde suas primeiras obras que se ocupam do tema, Freud fez referência a essa determinante que transcende a História e o Indivíduo, adquirindo características de universa-

* Durkheim, E. *De la división del trabajo social*, Shapire Ed. (1967).

** Lévi-Strauss, C. “Antropologia estrutural”, Eudeba. Buenos Aires (1968).

lidade. Já em *Totem e Tabu* (1912-1913) [S. B. Vol. XIII, p. 20], Freud arrisca a hipótese da exigência que todo ser humano sente de amestrar, domesticar as situações edípicas instintivas, para poder ter acesso a uma nova ordem. Com efeito, essas situações sumamente arcaicas supõem que esse proto-homem tivesse organizações chamadas hordas, conduzidas por um chefe forte e brutal que impunha sua autoridade pela força, através do assassinato e do filicídio, ou de uma atenuante intimidatória, a castração.* Esse Chefe-Pai primitivo (arque-pai) provocava sentimentos duplos: era temido e respeitado e, ao mesmo tempo, profundamente odiado. Um dia X, hipotético, teórico, os “filhos” dessa horda primitiva, revoltados, se uniram em força, matando esse chefe-Pai, e engolindo-o. Segundo Freud, este seria o primeiro momento da humanidade. Um ponto de ruptura. O homem começou posteriormente a lembrar o episódio através do culto e da adoração de um totem simbolicamente representativo do Pai morto. Seria esta a primeira e mais primitiva religião da humanidade. Por sua vez, a incorporação desse Pai primitivo fez emergirem sentimentos de remorso e arrependimento nos filhos, motores da adoração e lembranças posteriores. Esta hipótese, hoje discutível e dificilmente verificável, será tomada modernamente como o que é: uma hipótese, um ponto de partida que ligará Freud a Lévi-Strauss, já que deverá ser entendida ao nível de um mito explicativo da origem do homem. Mito explicativo da origem das regras, das normas, da cultura. No interior desse mito estuda-se também a origem da proibição incestuosa, em torno da qual girará uma série de problemas intimamente vinculados: autoridade, poder, agressão, repressão, revolta, incorporação canibal, identificação primitiva, ritual obsessivo-religioso, etc.

2. O PROBLEMA DA ESTRUTURA PRÉ-EDIPIANA

Este problema é um problema relativamente complexo e seguiremos nesta explicação a trilha de Laplanche e Pontalis. Desde

* O conceito de “horda” é um conceito evolucionista, que intenta reconstituir a origem da humanidade. Foi Durkheim quem outorgou ao conceito a significação de “unidade de sociedade”, separando-o do contexto historicista e destacando a possibilidade de jamais ter havido sociedades históricas semelhantes. (Durkheim, E., *Las reglas del entorno sociológico*. Shapire Ed., Buenos Aires (1971).

Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (1905), passando pelas *Conferências Introdutórias* (1916), Freud admite claramente uma vida intensa, anterior à idade em que classicamente culmina o Complexo de Édipo (5 ou 6 anos de idade). Será preciso então distinguir a idade do Complexo de Édipo e o período pré-edípico, que se estende praticamente desde o nascimento até a fase genital própria do Complexo. Esse período pré-edípico é completamente diferente da concepção da escola kleiniana, que faz questão de enfatizar a origem do Complexo de Édipo aproximadamente aos 6 ou 8 meses de idade, na chamada “posição depressiva”. A diferença é substancial, porque, embora Freud não desconheça as fases pelas quais atravessa o aparelho psíquico até os 5 ou 6 anos, considera-as nada mais do que alicerces do aparelho psíquico completo, que adquirirá seu verdadeiro significado somente depois, após a resolução do Complexo. Este conceito está estreitamente vinculado ao de “posterioridade” ou “retroatividade” (*nachträglich*).

O conceito de *a posteriori* ou “posterioridade” foi resgatado por Lacan, adquirindo a partir dele uma importância capital dentro da obra freudiana. A respeito da estrutura pré-edípica, a noção se encaixa perfeitamente na relevância que adquire o Complexo de Édipo, com suas vicissitudes particulares, “resolvido” em torno dos 5 ou 6 anos de idade. Com efeito, retroatividade quer dizer reformulação ou re-significação de acontecimentos ou situações que foram vividos previamente.* Quer dizer, nem tudo o que é vivido pelo sujeito se integra imediatamente dentro de seu aparelho psíquico. Só depois é que esses acontecimentos vão adquirir relevância ou significado, quando o aparelho psíquico estiver totalmente amadurecido.

Um exemplo muito simples esclarecerá o leitor: na construção de um edifício, a primeira coisa que se faz são as fundações. Nelas serão utilizadas diversas matérias-primas e diversos tipos de mão-de-obra, num tempo variável e com inúmeros problemas, mas essas fundações estão fadadas ao “desaparecimento”,

* Todo este assunto está implícito em Freud quando alude à questão da intemporalidade do inconsciente, que é justamente o fator que vai permitir a reativação da situação edípica pregressa com todo o caráter de atualidade com que se manifesta (Freud, S., Ed. Stand., Brasil., vol. XIV, p. 214, nota de rodapé n.º 2).

Já que a evolução natural do edifício colocará sobre elas os pavimentos projetados. À medida que a construção evolui, tanto as primitivas fundações quanto os sucessivos pavimentos irão se acomodando às novas situações de peso, gravidade, resistência de materiais, agressões climáticas ou humanas, etc. Porém, apenas quando os operários colocarem o material do último pavimento é que o edifício estará acabado, passível de ser habitado. É possível que agora as fundações não visíveis mostrem alguns defeitos de construção, ou de projeto, ou de material, que se evidenciarão através de “sintomas”, como pequenas rachaduras nas paredes, perda de água nos encanamentos, etc.

O leitor compreenderá as limitações oferecidas pelo modelo, mas o que desejo enfatizar é que, com o termo *a posteriori* se quer significar que o aparelho psíquico é uma estrutura funcional, cujo rendimento e operacionalidade serão mostrados apenas quando ele estiver completamente acabado ou amadurecido. Ao admitir que aos 5 ou 6 anos de idade a problemática edipiana triangular, complexa, “fecha” o aparelho, completa-o, atuando como o telhado de um edifício que se começou a erguer há 5 ou 6 anos, a psicanálise outorga a toda a estrutura pré-edípica enorme importância, mas sempre subordinando-se à significação definitiva que lhe dará o Complexo de Édipo (ver Cap. I — O Conceito de Causalidade Psicopatológica). (Ver p. 70.)

Três problemáticas são importantes para o estudo psicopatológico relacionado com a estrutura pré-edípica:

a) Os níveis pré-edípianos e observados retrospectivamente desde o Complexo de Édipo são níveis de relacionamento predominantemente dual. Simplificando, poderíamos dizer que quanto mais amadurecido for o aparelho psíquico mais “triangulado” ele está. Ao contrário, quanto mais primitivo mais narcísico, e, portanto, mais dual e mais indiscriminado. O movimento progressivo em direção à triangulação outorga importância à função de “terceira” pessoa, que é o Pai. Já o movimento regressivo tende à fusão com esse objeto primitivo, único e onipresente, a Mãe.

b) Na realidade, admitimos, desde Freud, dois tempos de “fechamento” do aparelho psíquico. Um primeiro tempo que ocorre em torno dos 5 ou 6 anos de idade, onde a triangulação edipiana está em seu ápice, e quando a proibição do incesto em seu interior, como vimos, “inaugura” a grande socialização do

sujeito fora dos marcos de sua família de origem. É um segundo tempo de “fechamento” que se completa na puberdade e adolescência, quando o sujeito, agora de posse das identificações de seus progenitores, se dirige ao exercício da sexualidade fora deles.

c) Outra grande problemática, vinculada ao período pré-edípico, é a sexualidade feminina, onde se estudarão os movimentos de relacionamento de objeto e de identificação que a menina terá com sua mãe. Para a menina, a mudança de objeto amoroso que deverá efetuar, para poder superar seu Complexo de Édipo, dará a este características específicas, que estudaremos mais adiante.

3. O RELACIONAMENTO DE OBJETO EDIPIANO

Como pequeno prefácio a este item, seguiremos alguns conceitos delineados por A. Godino Gabas (*Oedipus Complexus Est*, Helguero Ed., Buenos Aires, 1979). Embora o amadurecimento corporal do sujeito tenha destacada importância para a configuração de suas representações psíquicas, existem opiniões que deixam em segundo plano as conseqüências de tal amadurecimento nas aquisições “psicologizantes” do indivíduo. Tal afirmação se apóia na não-exclusividade do fator anatômico como determinante da sexualidade, sendo que o fator *relacional* é imprescindível para transformar o corpo biológico em corpo erógeno (psicológico).

Mais uma ressalva. Tende-se a pensar, esquematicamente e sob o ponto de vista anatômico, que existem somente três zonas erógenas e suas conseqüentes relações de objeto. Na realidade, este pensamento é reducionista, uma vez que existem múltiplas funções no organismo que lideram outras tantas zonas erógenas. Não é preciso sublinhar que só falamos das clássicas zonas por motivos pedagógicos, mas deveremos saber — e a clínica assim o demonstra — que tanto a pele quanto o olho, a mão, o aparelho de fonação, etc., são zonas erógenas.

Um outro aspecto que devemos lembrar é que todas as zonas encontram-se ativadas desde o início da vida, mas que existirá uma predominância alternada e sucessiva de alguma zona em particular sobre as restantes.

4. O COMPLEXO DE ÉDIPO NO MENINO

Este é o tipo de estrutura que, desde os tempos de Freud, mais se conhece. Poderíamos descrever os seguintes passos:

1. Inicialmente o menino (tanto quanto a menina) encontra-se em extrema dependência de sua mãe. Este primeiríssimo período, como foi anteriormente descrito, é dual, predominantemente narcísico e simbiótico. Sendo a mãe, ou as significações dela procedentes, o objeto almejado pelo menino, institui-se ela como autoridade e poder onipresentes e altamente necessitados. À medida que o tempo passa, e juntamente com a ampliação progressiva de seu mundo de relações, outros personagens que não a mãe aparecem em seu campo de influência. Um desses personagens será percebido como tendo alguma coisa a ver com a mãe e, em conseqüência, herdará seu poder e sua autoridade. A relação dual terá se transformado em triangular. Os vínculos se tornam mais complexos. O menino, que anteriormente desejara a mãe, agora deseja o que a mãe deseja: o pai. Será agora ele o possuidor de um instrumento ideal que regula, dosa e regulamenta a estrutura triangular. Esse instrumento ilusório, mas altamente eficaz, é o que se chama Falo.

2. O menino manifestará dois tipos de fixações. O primeiro é uma disposição a depositar uma intensa carga libidinal na mãe. Manifesta esta disposição usando de todos os recursos captativos e ainda agressivos que reafirmam seu direito de possuir o progenitor do sexo oposto. A força impulsionadora deste tipo de atitude encontra-se naquilo que se chama de Identificação Primária com o pai, que estudaremos posteriormente (ver p. 93). Estando o menino identificado com seu pai, participa de sua potência mágica; porém, diante do inevitável contato com a realidade, os impulsos de caráter agressivo sofrem uma transformação (sublimação) que é veiculada através de atividades sociais, lúdicas ou de aprendizagem. Os conteúdos eróticos puros são também sublimados, transformando-se em atividades sentimentais, “correntes de ternura” que serão instrumentadas como afirmação de presença no relacionamento com os adultos ou para aumentar a confiança em si próprio.

Mas será importante destacar que, pelas causas apontadas em (1), o menino encontrará um obstáculo para a obtenção do

objetivo materno, que é o pai, funcionando este como rival. A atividade fantasmática da criança, desenvolvida progressivamente desde o nascimento, atingirá essa rivalidade com o tema da castração.

O segundo tipo de fixação, e que também ocorre interpenetrado com o anterior, é a fixação libidinal no pai, o qual deve suportar este investimento libidinal. O pai adquire significados de dois tipos: como rival a substituir e, simultaneamente, como modelo a imitar.

O processo é liderado também pelo mecanismo da Identificação. É um movimento complexo, que mostra que imitar o pai funciona simultaneamente como um mecanismo de defesa que elimina o pai real (eu SOU o pai e portanto não luto com ele) e como uma forma de satisfazer, agradar o pai, deixando-se modelar, educar, “fecundar”, metaforicamente falando, por ele. Eis aqui a típica posição homossexual passiva do menino, de relevante importância como fator de amadurecimento e estruturação psíquica.

No que diz respeito ao futuro destes tipos de fixações, não é fácil responder às perguntas habituais, tais como se essas fixações podem ou não evoluir para uma homossexualidade adulta, para uma vida de celibato em submissão ao pai, etc. Remetemos o leitor ao Capítulo I sobre Causalidade Psíquica.

Especificamente quanto a este problema, é importante repetir que sempre existe uma dupla identificação para o menino, tanto materna quanto paterna. E que na fase edipiana as relações do menino com seu Pai estão marcadas por uma extrema ambivalência, não redutível a manifestações de ódio. E uma outra advertência: todas essas relações descritas ocorrem no plano da fantasia, já que a criança é *criança* e o amor objetal amadurecido, adulto, completado com a união genital, só poderá ser obtido pelo menos oito ou dez anos mais tarde.

5. O MOVIMENTO EXOGÂMICO DO MENINO

Designamos com o termo exogamia uma série de processos de ordem psíquica com conseqüências imediatas no “social”, que levam o menino a deixar os vínculos primários (pai e mãe), dirigindo-se ao que doravante nomearemos vínculos secundários.

Por motivos já descritos e sobretudo pela impossibilidade biológica de concretizar o incesto, o menino ficará convicto da inutilidade de seus esforços conscientes e inconscientes em busca da satisfação incestuosa. O processo da exogamia está em marcha e se compõe de três fases:

a) Uma superação da angústia de castração, ou seja, a *fantasia* de ser atacado pelo rival-pai será uma fortíssima motivação determinante do afastamento do menino.

b) Simultaneamente, o menino renuncia a conquistar eroticamente a mãe e, em conseqüência, abandona a luta contra seu competidor natural, o pai.

c) Finalmente, fechado o acesso à posse “definitiva”, de seus progenitores, só lhe resta o caminho da procura da satisfação nos objetos substitutivos.

Vemos neste *deslocamento* fundamental a superação ou liquidação do Complexo de Édipo,* que consiste não somente numa “morte” da estrutura dirigida aos pais, mas num reinvestimento das cargas libidinais em novos objetos que, direta ou indiretamente, recordarão os antigos. Assim, para o menino, os professores serão “segundos pais” ou “segundas mães”.

Aliás, devemos lembrar ao leitor que os novos objetos são apenas *relativamente* novos: por alguma característica mais ou menos importante ou intensa, o objeto precedente, velho, arcaico, volta a se apresentar através dos novos — eis aqui a famosa frase de Freud: “O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele”. (*Três ensaios sobre a sexualidade* [1905] St. Br. vol. VII, p. 229 [1905].) Mais um elemento de importância apresenta-se nesta etapa exogâmica: é o abandono, pelo menino, de qualquer atitude sedutora em relação ao rival paterno. A atitude feminina de agradar o pai, deixando-se educar e modelar por ele é superada pelo processo exogâmico. Porém, uma fixação nesse aspecto contribuirá, juntamente com outras variáveis, para possíveis atitudes homossexuais passivas (conscientes ou inconscientes) no futuro, persistindo sob alguns aspectos o complexo

* *Untergang* do Complexo Edípico (literalmente, sepultamento do Complexo de Édipo), implica um recolhimento libidinal e um afundar-se, dirigir-se aos fundamentos, ou seja, ao Id. Daí o Complexo de Édipo rege a vida psíquica. Quando há uma predominância no Ego — ou seja, é incompletamente sepultado — acontece a patologia. (*A Dissolução do Complexo de Édipo*. St. Br. vol. XIX, p. 215, 1924.)

de castração, tingindo de elementos persecutórios qualquer tipo de conduta homossexual.

6. O COMPLEXO DE ÉDIPO NA MENINA

A) A IMPORTÂNCIA DA MUDANÇA DE OBJETO

Não resta a menor dúvida de que, desde os tempos de Freud, o *menino* foi sempre tomado como eixo de referência no desenvolvimento do processo de finalização do Complexo de Édipo. Sabemos que o desenvolvimento objetual na menina é mais complicado, mas devemos confessar que não sabemos se é mais complicado estruturalmente falando ou se, por ser observado sob o prisma da masculinidade, aparece sempre descrito como uma transgressão.

O eixo central em torno do qual transita a problemática do Complexo de Édipo feminino é o deslocamento do objeto primário. Com efeito, o menino está em posição de relacionamento heterossexual com a mãe desde o nascimento e, portanto, tem o pai como rival; daí que o movimento exogâmico será somente um afastamento “simples” desta estrutura elementar. Na menina, porém, o relacionamento inicial é com uma pessoa do mesmo sexo, tendo o pai como rival. Compreende-se, então, que o eixo do Complexo deverá sofrer uma espécie de torção para colocar a mãe como rival e o pai como objeto amoroso.

No item correspondente aos estágios pré-genitais tivemos ocasião de salientar a importância que esses períodos têm para a menina (ver p. 70). Efetivamente, o longo desenvolvimento e os processos desenrolados em torno de sua mãe fazem com que a menina possua uma conflitiva toda especial em relação ao seu objeto primeiro. Assim, e pelas razões apontadas naquele item, extrema dependência, vínculo simbiótico com a mãe, relações objetais predominantemente narcísicas, fixação(ões) pré-genital(ais) serão denominações diferentes para descrever-se a particular solução feminina do Complexo de Édipo.

O estudo do processo pré-genital narcísico e “maternizante” faz com que a sexualidade feminina seja estudada não só com o objetivo de se saber sobre o Complexo de Édipo, mas também

como modelo apto para aprofundar-se o conhecimento da dependência humana e sua saída.*

A resolução de toda esta complicada problemática, segundo Freud, gira em torno da comprovação da inexistência de um pênis, quando se constata que o outro sexo é *outro* porque o possui.

*As decepções estruturantes ***

Destacamos em item a parte, com finalidade pedagógica, esta decepção ou desapontamento que a menina sofre quando chega ao período conhecido como “estágio da descoberta da diferença sexual anatômica”. Realmente, em torno dos 5 ou 6 anos de idade, as meninas (e também os meninos) constatarem que existem, anatomicamente falando, dois sexos. Esta constatação, que se faz mediante a observação, comparação e reafirmação, veiculadas através do ato de brincar, leva a esse conjunto de sentimentos que nomeamos genericamente de decepção. Mas decepção com quê? Se falamos de decepção é porque a menina tinha previamente uma idéia *ilusória*. Esta ilusão é a de que existe um único sexo. Se prestarmos atenção, esta idéia ilusória, fantasiosa, é o suporte do narcisismo ou, melhor dizendo, é o último baluarte que resta do narcisismo primitivo. Efetivamente, a menina vem se “desiludindo” desde que nasce. Inicialmente ela perde o mundo aconchegante do útero materno. Depois de algum tempo, perde definitivamente o peito como *única e exclusiva* fonte de sustento e, mais tarde, experimenta sensações de perda de fezes a cada ato de defecação. Tem infinitas oportunidades de experimentar a “perda” do afastamento corporal cada vez mais prolongado do objeto original-mãe e, em algumas ocasiões, esta exclusividade, o monopólio do “criançacentrismo”, é ainda abalada pelo nascimento de algum irmão.

Portanto, a decepção que marcará a organização final do Complexo de Édipo, na menina, chega-lhe como uma coroação de desapontamentos anteriores. O leitor terá percebido que desses desapontamentos participa uma única personagem: a mãe da me-

* Encontra-se tão articulado o problema da fase pré-edípica com a fixação feminina à mãe que autores franceses fazem desses dois termos uma sinonímia. Reservam o nome de Édipo (para diferenciar de Pré-Édipo) à fixação ao pai (Safouan, M. *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Zahar Ed., 1977, p. 70).

** Ver também p. 149.

nina. Então, não será estranho que ao verificar, por comparação com os meninos, que carece do órgão genital chamado pênis, a menina atribua à mãe o fato de não possuí-lo. Tem a sensação de que *possuía* o pênis e que sua mãe lho tirou.

Num artigo fundamental para o entendimento da problemática feminina, Freud, referindo-se a esta descoberta diferencial e marcante, diz: “Ela viu isso, sabe que não o tem, e quer tê-lo.” (“Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos” — vol. XIX p. 314).* Não há dúvida de que o demonstrativo *isso* se refere ao órgão masculino, o pênis, e este *ver isso e querer tê-lo* é o que se conhece com o nome de Complexo de Masculinidade na mulher. Este desejo de ter um pênis, no entanto, não é assim tão simples. É um desejo que funciona como uma defesa. Efetivamente, ela deseja avidamente *isso* por temor de verificar uma realidade crua: que não o tem, não o teve e nunca o terá.

Porém, tal como Freud o descreveu, a menina conservará esta idéia ilusória que ele chamou de *esperança* “de obter um dia, apesar de tudo, um pênis, e assim tornar-se semelhante a um homem”. Esta esperança “pode persistir até uma idade incrivelmente tardia e transformar-se em motivo para ações estranhas e de outra maneira inexplicáveis. (Idem, p. 314.)

Este desejo da menina de possuir um pênis também é conhecido como “inveja do pênis”. Se foi bem entendido este conceito, compreender-se-á que sua função é a de um disfarce daquela carência anatômica fundamental, ou seja, um disfarce da castração. Freud denomina esse processo de “rejeição”. Em outros textos, aparece como “recusa” ou “renegação”. Esta rejeição é um processo que leva a negar a carência, negação veiculada através de um desejo absolutamente normal como processo evolutivo infantil, mas que está na base do mecanismo de defesa específico das perversões e psicoses (ver p. 61-190, 202 e segs.).

Conseqüências da inveja do pênis

Seguindo o raciocínio das conseqüências psicopatológicas da inveja do pênis, uma menina pode persistir na rejeição de sua própria

* Uso, por considerá-la mais adequada, a tradução feita nos livros de M. Safouan. (Safouan, M. *Estudos sobre o Édipo*, Zahar, Rio, 1979, e *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Zahar, Rio, 1977, p. 85.)

castração construindo uma grande parte da sua personalidade em torno do desejo de ter um pênis. Como os desejos, assim como os sonhos, se dão em tempo presente, ela pode ficar convicta de que *realmente* o possui, comportando-se por isso como um homem. Este comportamento “masculinóide” tenderá sempre a ser algo estranho a ela, contendo na maioria das vezes condutas agressivas e denunciando, dessa maneira, a origem não satisfeita de tal conduta.

É freqüente uma certa confusão decorrente da ambigüidade com que Freud denominou esse famoso Complexo de Masculinidade na mulher. Sem pretender esgotar a multiplicidade de sentidos que pode provocar tal ambigüidade, acrescentaremos que geralmente se entende como Complexo de Masculinidade uma estrutura composta em primeiríssimo lugar por uma relação extremamente intensa com a mãe, mas não resolvida satisfatoriamente. Simultaneamente, é também marcante a rivalidade com o pai, o que geralmente se expressa, por parte da menina, sob diversas formas de descrédito ou desprezo.

Sabemos que o problema subsiste, porque o parágrafo anterior levanta questões tais como “o que se entende por feminilidade ou por feminilidade verdadeira ou falsa?” E o problema sumamente interessante de se saber se a mulher, para ser reconhecida como tal, não deverá *mostrar* nada, já que o *visível* ficaria conotado como masculino.

Moustapha Safouan, em *A Sexualidade Feminina na Doutrina Freudiana* (Zahar Ed., p. 98), conclui que feminilidade verdadeira é um processo de integração do desejo, efeito de um duplo movimento: por um lado, da identificação com a mãe como objeto desejante e, por outro, pelo “reconhecimento” do Falo (não do pênis) com o pai real. Este complicado “reconhecimento”, insistimos que é com o Falo, ou seja, com uma marca, um símbolo do Poder, porque o que se observa na clínica é que o que se esconde por trás da agressividade masculinóide, dos ciúmes reivindicatórios, etc., etc., é uma “revolta contra a arbitrariedade do pai”.

O problema de masculinidade como uma das conseqüências da inveja do pênis deverá adquirir um sentido clínico, como uma máscara, que esconde embaixo dela, na maioria das vezes, a recusa da aceitação da diferença sexual (castração). O problema

aqui, do masculino em sentido amplo e suas vinculações com a homossexualidade na mulher, é discutível. Observado o problema da dicotomia masculino-feminino, em diversas sociedades, não se pode afirmar que toda uma gama de signos exteriores (atividades, vestimentas, etc.) apague essa diferença.

Uma outra conseqüência descrita por Freud dessa decepção chamada Inveja do Pênis é o deslocamento que persiste no traço dos *ciúmes* de uma mulher (Freud, vol. XIX, p. 315). Freud outorgava enorme importância ao papel desempenhado por esse sentimento muito mais nas mulheres que nos homens, ou seja, à rivalidade expressa, de diversas maneiras, pelas “coisas” que outros possuem e ela não.

Segundo as conseqüências da Inveja do Pênis descritas por Freud, vemos que acontece um afrouxamento nos vínculos de afeto da menina com sua mãe. Como se compreenderá, esse afastamento do objeto monopolizante torna-se imprescindível para a entrada no Complexo de Édipo feminino e, portanto, na sua futura autonomia exogâmica. Insistimos no que foi dito anteriormente: a mãe, objeto primordial da menina, é responsabilizada por tudo, até — usando palavras de Freud — “por enviá-la ao mundo assim, tão insuficientemente aparelhada” (Freud, S. vol. XIX, p. 316).

Os ciúmes geralmente têm um argumento: uma vez descoberta a “inferioridade” genital, a menina fantasia que a mãe gosta mais de outra criança, supondo que a esta outra ofereceu ou oferece o que não lhe deu.

A procura do pai

Uma vez que a menina, por todas as operações descritas anteriormente, “decide” pelo abandono do objeto materno, passa a ter como objetivo principal a obtenção, a partir do pai, daquilo que a mãe se recusou dar-lhe.

A menina renuncia a possuir um pênis e se dispõe a obter uma criança, como “presente” por parte do pai. Ou seja, ter um filho do próprio pai. É necessário lembrar ao leitor que este desejo de ter um filho em vez de um pênis é o produto final de uma longa série de elementos *concretos* que a menina perdeu, no percurso de seu desenvolvimento. Assim, perdeu o útero, o peito materno, fezes, e toda uma infinita série de experiências de

ordem corporal ligadas aos parâmetros psicosssexuais descritos. Em cada uma dessas experiências, a menina incorporou sensações complexas ligadas a presença e ausência (do útero, do peito, das fezes, etc.), a proximidade e afastamento, gratificação e frustração, cheio e oco, concreto e abstrato.

Portanto, quando se produz a “grande desilusão” de não possuir um pênis, esta *não-posses* é a culminação de diversas não-posses anteriores. Como na fase anal, imediatamente anterior (ver p. 45 e segs.) a menina havia feito equações simbólicas de presença-ausência, retenção-expulsão, “dar fezes de presente”, ser presenteada com (afagos, carinhos, gratificações diversas), será fácil compreender agora que ela reagirá perante a não-posses do pênis compensando-a com a esperança de ser *gratificada* agora por uma criança proveniente do objeto que deseja (o pai).

Esta obtenção de gratificação implica uma mudança radical, e daqui em diante as tendências de ordem receptiva substituirão as tendências ativas com sentido reivindicatório que havíamos examinado previamente. A menina, então, dirige-se ao pai para ganhar a atenção e a admiração dele, que é o objeto de amor da mãe, ou seja, para seduzi-lo.

Os restos da fixação à mãe

Em decorrência dos itens anteriores compreende-se (sempre dentro da tese freudiana) que o vínculo primitivo com a mãe não é facilmente superado. Admite-se geralmente que na mulher adulta existem sinais de fixação pré-edípiana ao objeto materno e que, por esta razão, as mulheres são mais “ambivalentes a respeito de sua mãe que os homens com relação ao seu pai”. Estas conclusões são decorrentes do peculiar tipo de vinculação, diferente da do menino, que a menina precisa desenvolver, partindo dos primeiríssimos estágios de sua vida, com o objeto materno.

7. A FINALIZAÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Há uma certa especificidade na maneira como é resolvida, em cada sexo, a situação edípiana.

a) No menino, motivada pelo medo de perder seu pênis (ameaça de castração), há a renúncia aos desejos genitais pela

mãe. Simultaneamente, há um abandono dos sentimentos hostis contra o pai. É importante salientar que Freud foi vacilante em muitos escritos no que se refere à designação desse processo de desaparecimento da estrutura edípiana. Em alguns textos, ele denomina de forma precisa “*Destruição do Complexo*”,* em lugar da clássica “*Repressão*” (ou *Recalque*). O que se destrói não pode voltar, mas o que se recalca sim. A saúde mental do sujeito dependerá ou estará intimamente vinculada à distinção entre estes dois processos.

A rigor, o Complexo só terá sua resolução terminada na época da puberdade e adolescência, quando o sujeito tem a possibilidade de pôr à prova sua genitalidade, que foi impedida na época de seus 5 ou 6 anos. Facilmente se compreende que os objetos do adolescente “lembrarão” os pais, mas não serão eles.

b) Em comparação com o menino, o processo da menina é muito mais gradual e, de certa forma, menos completo. A complicada e ambivalente vinculação da menina com a mãe, antes comentada, é o empecilho principal que retarda o processo. Embora a angústia de castração esteja presente, a força que adquire o medo de perder o amor da mãe é hierarquicamente superior e contribui para que a renúncia aos desejos pelo pai não seja tão drástica como é no menino. Em ambos os sexos, tanto para o menino quanto para a menina, finalmente se cumpre um velho ditado: “Quem não possui, é.” Ou seja, ao estar vedado o acesso aos objetos primários, pai e mãe, há uma espécie de introversão-regressão da libido sobre o ego, ou seja, o ego, tornado “semelhante”, identificando-se, com os objetos paternos proibidos, se apresenta ele próprio aos desejos libidinosos como um novo objeto de amor. Este processo, decorrente de uma perda, culmina com uma *identificação* com o objeto perdido (identificação secundária). O resultado é uma libertação energética, que obviamente irá em busca de novos objetos para investir. Aqui se instala o chamado período de latência, durante o qual uma parte da energia é colocada a serviço do desenvolvimento das funções intelectuais.

* E em outros, “*dissolução*” (vol. XIX, p. 217).

8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO COMPLEXO DE ÉDIPÓ

O Complexo de Édipo é complexo. Nesta metáfora estão incluídas diversas categorias de problemas. Em primeiro lugar, a "complexidade" alude ao polimorfismo tanto de sua constituição quanto de sua expressão. Em segundo lugar, e seguindo as idéias de Godino Cabas, o único complexo que habita o ser humano é o de Édipo. Não existem outros tipos de complexos, tais como "complexo de inferioridade", de "masculinidade", de "superioridade", etc., porque isto suporia que tais complexos são uma parte do sujeito e Freud insistiu repetidas vezes no caráter estruturante que representa o Complexo de Édipo para o indivíduo como um todo.

Em terceiro lugar, a palavra complexo alude, como vimos anteriormente (ver p. 63), a uma estrutura e, como tal, o conflito se dá no seio mesmo desta estrutura, como uma luta e primazia de funções umas sobre as outras.

Entendido desta maneira, compreende-se agora, seguindo Laplanche e Pontalis, como o Complexo de Édipo é uma encruzilhada, é um nó em torno do qual se organiza uma outra estrutura, que é a família humana. Este elemento liga inexoravelmente a estrutura edipiana ao fenômeno social. A oposição entre o social e o natural é resolvida no seio da estruturação edipiana, através de uma proibição fundamental, de conseqüências transcendentais, como é a proibição do incesto. (Ver p. 65 e segs.)

Em outra ordem, mas decorrente da mesma estrutura, o Édipo é a *culminação* de toda a organização psicosssexual do indivíduo, em três direções diferentes:

1 — A liderança da zona genital que ordena, enfileirando, subordinadas a ela, as outras anteriores.

2 — A superação do auto-erotismo primitivo, ou seja, a libido, cuja localização se achava espalhada e fragmentada nos diversos segmentos corporais, tenderá agora a se reunir em torno de estruturas significativas, através do interjogo da estrutura edipiana.

3 — Como decorrência do anterior, uma decisiva orientação em direção aos objetos exteriores.

Este último aspecto conduz à construção da realidade do objeto, que agora se consolida como um objeto inteiro, global e fundamentalmente sexuado, ou seja, com possibilidades de intercâmbio e criatividade, no mais amplo sentido do termo.

Finalmente, o Complexo de Édipo estrutura todas as instâncias do aparelho psíquico (Superego, Ego, Ideal do Ego e Id), reordenando-as definitivamente.